

A expansão ultramarina ibérica e sua influência na cartografia do século XVI: os exemplares de Juan de la Cosa (1500) e de Cantino (1502)*

Iberian overseas expansion and its influence on the cartography of the sixteenth century: the copies of Juan de la Cosa (1500) and Cantino (1502)

Lucas Montalvão Rabelo

Doutorando em História pela Universidade de São Paulo, mestre em História pela Universidade Federal do Amazonas e membro associado do Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós (IHGTap).

RESUMO

O presente artigo destina-se a apresentar uma proposta de análise imagética das visões ibéricas no momento inicial de composição de mapas-múndi a partir do conhecimento das novas terras no Ocidente, o chamado Novo Mundo. Para isso, busca-se realizar uma comparação das características particulares provindas do contexto social dos cartógrafos para ir além de um estudo centrado apenas no produto cartográfico, sem considerar o contexto histórico específico dos indivíduos produtores e de suas sociedades. Esta forma de estudo é baseada na metodologia proposta para os estudos da História da Cartografia buscando uma desconstrução dos objetos cartográficos. Assim, comparar o mapa do espanhol Juan de la Cosa (1500) e o exemplar português anônimo conhecido como Mapa de Cantino (1502) possibilita a análise das imagens construídas a partir de visões políticas diversas que estariam relacionadas aos interesses tanto da Coroa de Castela quanto da Coroa de Portugal – incluindo seus

ABSTRACT

The present article aims to present a proposal for an imaginary analysis of the Iberian visions in the initial moment of map composition from the knowledge of the new lands in the West, the so called New World. For this purpose, a comparison of the particular characteristics of the cartographers' social context is carried out in order to go beyond a study centered only on the cartographic product, without considering the specific historical context of the producing individuals and their societies. This form of study is based on the methodology proposed for the studies of the History of Cartography seeking a deconstruction of cartographic objects. Thus, comparing the map of the Spanish Juan de la Cosa (1500) and the anonymous Portuguese exemplary known as the Cantino map (1502) makes it possible to analyze the images constructed from diverse political views that would be related to the interests of both the Crown of Castile and of the Crown of Portugal

* Artigo recebido em 15 de setembro de 2017 e aprovado para publicação em 1º de novembro de 2017.



súditos – após a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 7 de junho de 1494.

PALAVRAS-CHAVE: Tratado de Tordesilhas; Grandes Navegações; Renascimento; Juan de la Cosa; Alberto Cantino

– including his subjects – after the signing of the Treaty of Tordesilhas, on June 7, 1494.

KEYWORDS: Treaty of Tordesillas; Great Navigations; Renaissance; Juan de la Cosa; Alberto Cantino

INTRODUÇÃO

No final do século XVI e início do século XVII, tanto o Reino de Portugal quanto o Reino de Castela possuíam o mesmo rei: Felipe I dos portugueses e Felipe II dos castelhanos. No Novo Mundo, o estabelecimento ibérico estava há um século convivendo com as populações nativas. Os espanhóis já haviam partido da região antilhana para uma ocupação mais interiorana com a conquista de diversos povos ameríndios, como os mexicas e os incas. Por outro lado, os portugueses se estabeleceram em núcleos de povoação, ao longo da faixa litorânea da costa ocidental da América do Sul, enquanto faziam incursões esporádicas nos espaços interioranos.

O autor português Pero de Magalhães de Gândavo, que teria conhecido a América portuguesa, descreveu este espaço luso em sua obra *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*, em 1576.¹ De acordo com ele:

Esta província de Santa Cruz está situada naquela grande América, uma das quatro partes do mundo. Dista o seu princípio dois graus da equinocial para a banda do sul e daí se vai estendendo para o mesmo sul até quarenta e cinco graus, de maneira que parte dela fica situada abaixo da zona tórrida, e parte abaixo da temperada. Está formada esta província à maneira de uma harpa. A costa para a banda do norte corre do Oriente ao Ocidente e está olhando diretamente a equinocial. Pela banda do sul confina com outras províncias da mesma América, povoadas e possuídas por povo gentílico, com que ainda não temos comunicação. Pela do oriente confina com o Mar Oceano Áfrico e olha direta-

mente os reinos de Congo e Angola até o Cabo de Boa Esperança, que é o seu opósito. E pela do ocidente confina com as altíssimas serras do Peru, as quais são tão soberbas sobre a terra que se diz terem as aves trabalhado em passar.²

A harpa, referência ao formato costeiro do litoral das terras do Brasil, há muito tempo havia sido vista por diversos navegadores europeus que passaram pelo seu litoral, como portugueses, espanhóis e franceses. Esta construção geográfico-imagética do espaço físico enquanto indivíduo, da forma com que Gândavo descreveu atribui características limítrofes para este espaço que ainda não era colonizado para além do litoral. Chama a atenção à questão de pensar esta parte compreendida pela província de Santa Cruz “confinar” com as altas serras do Peru ao ocidente. Assim, o espaço identificado por Gândavo denota uma compreensão de uma localização clara para as terras nos domínios lusos.

No Reino de Castela, Antonio Herrera e Tordesilhas, Cronista Maior de Índias, publicou em 1601 a sua primeira *Decada*, nome mais conhecido de sua *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Oceano*. O conjunto total desta obra tinha como foco os feitos realizados pelos castelhanos no ultramar desde a chegada de Colombo até o ano de 1553. Foi resultado de um grande esforço seu e de um conjunto de copistas para sintetizar os documentos além das obras de importantes historiadores de Índias, como o caso de Gonzalo Fernández Oviedo e Bartolomeu de las Casas, que concluiu em 1615.³ Ao iniciar a primeira década, no tópico intitulado “*De algunas razones naturales, y cosas notables del otro Emisferio*”, o autor expõe algumas ideias:

La maior parte de las Nuevas Tierras consiste debajo de la Tórrida; la qual es humedissima, i abundantissima de Agua, porque llueve, i nieva, especialmente quando el Sol la hierre por linea recta, porque entonces llueve mucho, i la lluvia comienza á Mediodía, i no hai Tierra adonde haia maiores Rios, que en toda aquella parte, que toca al Gobierno del Visorrei del Perú, començando del Ismo, ó Estrecho de Tierra, desde Panamá, hasta el Estrecho de Magallanes, que es la Peninsula Austral, ó Indias del Mediodía, adonde estan los Rios de la Magdalena, Orellana, el Rio de la Plata, i otros. En la Peninsula Septentrional, ó Indias del Norte, que es todo lo de Nueva-España, hai el Rio de Alvarado, el de Grijalva, el Lago de Guatemala, el de México, i otros.⁴

Neste trecho, ao abordar os motivos responsáveis pela ocorrência de chuvas na região Tórrida contrariamente ao que se pensava, Herrera descreve sua concepção espacial sobre as Novas Terras. De acordo com ele, o Vice-Reinado do Peru compreenderia desde o Istmo do Panamá até o Estreito de Magalhães, o que ele chama de Índias do Meio-dia ou Península Austral. Destaca a existência dos Rios Magdalena (principal rio da atual Colômbia); Rio Orellana (mais conhecido como Rio das Amazonas na cartografia quinhentista após 1542); Rio de la Plata (antes conhecido como Rio de Solís ou também designado como Paraná). Em sua descrição espacial, não há nenhuma menção a parte portuguesa que, mesmo submetida ao monarca conjunto, possuía uma administração separada. Os dois grandes rios mencionados por Herrera, Amazonas e Prata, configurariam o que seriam os limites naturais associados à imaginária linha de Tordesilhas ao longo da ocupação ibérica no primeiro século de contato. Não há menção ao Rio São Francisco, muito conhecido das naus castelhanas – inclusive o primeiro piloto-mor de Espanha, Américo Vespúcio, teria participado dos primeiros contatos junto às suas navegações com os portugueses.

Os dois autores de fins do século XVI e início do século XVII, além de pouco abordar, em suas descrições, os espaços sul-

-americanos ocupados pela coroa distinta, também apresentam uma designação divergente sobre as terras que mencionam. De acordo com Gândavo, as terras estão localizadas na América, a quarta parte do Mundo. Já Herrera chama o espaço continental como sendo as Índias de Meio-Dia ou Setentrional, que remete à designação castelhana do conjunto como Índias Ocidentais. Longe de representarem simples sinônimos, a proposta aqui é pensar que esta divergência de termos também estaria ligada diretamente ao entendimento do imaginário de cada uma das Coroas que empreendeu o início das viagens ultramarinas para as terras descobertas do ocidente na virada de século anterior.

Esta reflexão está diretamente ligada à obra do historiador Edmundo O’Gorman que questionou a forma como era compreendida a relação de Colombo e Américo Vespúcio com o continente americano. Antes de representar uma descoberta de um ente geográfico até então desconhecido, a América, o empreendimento destes navegadores foi tentar dotar de sentido as informações geográficas dos contornos costeiros que teimavam em não se encaixarem no modelo cosmográfico ptolomaico do Sudeste Asiático com suas variações acerca da Áurea Quersoneso com ou sem uma península extra.⁵

Assim, o modelo cosmográfico anterior, que contava com as três partes do orbe conectadas (Europa, Ásia e África), passou-se a integrar uma Quarta Parte (Novo Mundo). Esta não foi a única ideia, mas houve a percepção da existência de um novo hemisfério logo compreendido como um Novo Mundo. Inicialmente, esta integração de novos dados já ocorria a partir das navegações portuguesas na costa ocidental da África, no século XV, que começou a forçar uma adaptação da realização tradicional dos mapas-múndi medievais. Neste ponto, destacam-se os exemplares que guardam a forma circular padrão, como o caso do exemplar de Fra Mauro. Composto por encomenda portuguesa a um monge italiano para dar conta de como andavam as descobertas portuguesas na costa da África e as novidades descobertas até então, ele representaria uma das tentativas de conciliação entre os

modelos de um mundo circular, como dos mapas T-O e outros, que provinham de um modelo de cartografia terrestre; e as chamadas cartas portulano, fruto das práticas de navegação mediterrânea. Um dos exemplos desta transição é a carta atribuída a Cristovão Colombo (c.1493).⁶

As grandes bases para a alteração do modelo geral de representação plana do orbe terrestre deu-se por influência decisiva das cartas. Entretanto, como será exposta a seguir, essa mudança não foi realizada de forma universal pelos europeus, mas guardou particularidades relacionadas aos cartógrafos e suas respectivas Coroa. Os dois primeiros mapas-múndi que inserem as terras descobertas ocidentais fazem um modelo de apresentação ligado diretamente ao seu particularismo e aos próprios interesses políticos aos quais serviam.

Desta forma, o presente artigo destina-se a perceber nessas primeiras duas representações (Juan de la Cosa e Cantino), durante a passagem da primeira para a segunda década de contatos ibéricos com as terras descobertas no Ocidente. Estes exemplares estão relacionados diretamente com a busca da rota marítima para as Índias das especiarias que entrelaçam o estabelecimento castelhano nas Antilhas, desde 1492, e a conclusão do caminho para as Índias, por meio da circum-navegação da África realizada pelos lusos sobre o comando de Vasco da Gama, em 1498. Busca-se questionar como a comparação das características particulares relacionadas diretamente ao contexto individual e sociopolítico de dois cartógrafos ibéricos estava diretamente ligada à imagem geográfica do mundo que retrataram. Este exercício crítico faz-se necessário para ir além de um estudo centrado apenas na técnica relacionada aos dados visuais, sem discutir o contexto histórico específico do período e com projeções posteriores sobre este momento anterior. Para tanto, será utilizado o método da nova História da Cartografia para a desconstrução do mapa estabelecido por Brian Harley. Assim, por meio da comparação entre o mapa do espanhol Juan de la Cosa (1500) e o mapa português dito de Cantino (1502), busca-se perceber as visões políticas no mundo representado, ou

seja, os interesses tanto da Coroa de Castela quanto da Coroa de Portugal – incluindo seus súditos – após a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 7 de junho de 1494.

O CONHECIMENTO DOS NOVOS ESPAÇOS NO GLOBO

Ao longo do século XV e XVI, com as viagens portuguesas e castelhanas, a experiência náutica contribuiu para um acúmulo de conhecimentos acerca dos espaços marítimos e das terras até então desconhecidas fazendo com que os europeus realizassem novas formas de representação do orbe terreno. A historiografia reconhece os dois eventos mencionados como marcos da passagem da Idade Média para a chamada Era Moderna: a rota colombina ao ocidente, que esbarrou com a América, e o feito de Vasco da Gama, que conectou por meio dos oceanos a Europa e a fonte das especiarias. Eles foram etapas derradeiras de um movimento que contribuiu para o conhecimento dos espaços antes desconhecidos e com uma sistematização destes novos dados implicou decisivamente em uma nova forma de representação do mundo. A inserção do Novo Mundo se deu juntamente com a ampliação dos contornos do continente africano – iniciados no século XV – e do continente asiático atualizando as informações ptolomaicas, que foram seguidas por inúmeras outras expedições marítimas que findaram por ampliar a própria noção do orbe. Assim, o conhecimento dos novos espaços além-mar obtida através das viagens ultramarinas forçou um rompimento imagético com as formas de representação do período anterior.⁷

As concepções medievais sobre a ideia da Terra ligavam-se aos conhecimentos da Antiguidade Clássica aliados ao pensamento cristão. O autor W. G. L. Randles apresentou as justificativas da forma universal da Terra, vigentes entre os séculos XII ao XV, surgidas a partir de duas sínteses. Elas buscavam “(...) conciliar o mito bíblico da Terra plana com a ideia grega de uma Terra redonda: plana ao nível da ecúmena habitável, esféricamente unicamente ao nível da astronomia.”⁸ Assim, com base em Crates de Malo, autores como Marciano Capela

(século V) e Macróbio (século V) e, posteriormente, Guilherme de Conches, falavam sobre uma esfera preenchida na sua maior parte por água onde haveria quatro ilhas separadas por corredores de água. Uma delas estaria povoada pelos cristãos e as outras não seriam habitadas devido à incomunicabilidade de ambas⁹. Assim, o único *habitat* dos humanos era plano se considerada a imensidão esférica do globo.

Por outro lado, o modelo aristotélico, não ligado diretamente ao Aristóteles clássico, foi defendido por João de Sacrobosco em sua obra *Tratado da Esfera* (princípios do século XIII). O mundo estaria, portanto, dividido em duas partes: do éter e dos elementos. Esta última estaria composta por quatro partes: no centro a terra; na sequência a água; depois o ar; e por fim o fogo puro. Cada um desses elementos estaria em uma proporção de um para dez. No entanto, para garantir a sobrevivência da espécie humana, devido ao poder de Deus, uma pequena parte de terra emergiu diante da grande imensidão das águas. Com isso, a Terra habitável estaria plana na pequena parte descoberta, e, esférica, se considerada seu todo, com uma maior parte de água.¹⁰ Era, portanto, a junção de dois modelos explicativos: o aristotélico e o bíblico (bíblico-aristotélico). A estrutura do cosmos provindo da explicação clássica ligada ao milagre da presença de Deus possibilitando a vida na ecúmene cristã.

Somaram-se ainda, no século XV, conhecimentos geográficos de outros autores da Antiguidade através da reavaliação da *Geographia* de Ptolomeu. Na obra, datada do século IV, Claudius Ptolomeu compilou as ideias da Antiguidade sobre o mundo situando todas as localidades conhecidas através de suas latitudes e longitudes. A Terra seria constituída por três continentes, Europa, África e Ásia. Em relação ao Mar Oceano, ele estaria nos limites desta grande massa continental e do extremo ocidente europeu ao extremo oriente asiático existiria uma proximidade muito maior que na realidade. Assim, de acordo com as informações dispostas, seria viável atingir a Ásia pelo mar ocidental graças ao cálculo da circunferência da Terra ser muito menor do que a real¹¹.

Ao lado destes dois entendimentos sobre a configuração da Terra, bíblico-aristotélica e ptolomaica, gradativamente outra fonte de informações foi sendo utilizada como modelo. Ele derivava da utilização de mapas específicos para navegação, as cartas portulano¹², onde se buscava a localização precisa do entorno do Mar Mediterrâneo. Esta nova forma de representação passou a influenciar cada vez mais as representações cartográficas desde o século XV. Era oriunda da experiência náutica que possibilitou um levantamento dos contornos do planeta contribuindo na alteração da imagem do mundo.

As experiências náuticas relacionadas com a alteração das imagens geográficas do mundo foi interpretada pela historiografia portuguesa como parte de uma contribuição lusa para o conhecimento científico que não teria iniciado na Europa do Norte no século XVII. Assim, as informações providas das viagens marítimas ibéricas seriam responsáveis pelo despertar de um pensamento ligado ao empirismo. Ou seja, todo o conhecimento para ser validado precisava de uma comprovação prática. Segundo João de Castro Osório¹³, as navegações portuguesas contribuíram decisivamente com o Renascimento. O questionamento das verdades estabelecidas pelos autores, considerados autoridades, foi sistematicamente feito pelos lusitanos. Dentre as ideias em voga amplamente combatidas, que não corresponderiam à verdade, estariam: a impossibilidade de se ultrapassar a zona tórrida (região equatorial), a inabitabilidade das regiões ao sul da linha do Equador, a maior quantidade de terras do que águas na superfície do planeta, entre muitas outras.

Nas duas citações iniciais dos historiadores ibéricos existe uma abordagem que questiona estes conhecimentos antigos. Gândavo menciona que a terra do Brasil “fica situada abaixo da zona tórrida” e Herrera que na zona tórrida, ao contrário de serem infernalmente desérticas, ocorrem chuvas devido a grande umidade. Isso demonstra que o entendimento das antigas autoridades sobre a impossibilidade de se viver ou transpor a zona tórrida estava superada. Portanto, estas contribuições, a partir do conhecimento dos homens que enfrentaram o mar,

provariam que o conhecimento somente poderia ser comprovado através do contato direto, tirando assim, de formulações baseadas unicamente em teorias, o grande peso que os clássicos tinham até o momento. A validade das informações geográficas teria que ser verificada para atestar sua eficácia.

Entretanto, este modelo de compreensão do momento em que um conhecimento entendido enquanto científico a partir da prática luso-castelhana – e de europeus que orbitavam os centros peninsulares – no Mar Oceano e nas novas terras precisa ser relativizado. A experiência das viagens ibéricas pelos oceanos possibilitou a superação de várias concepções cosmográficas até então vigentes. Entretanto, atribuir ao empirismo uma proximidade com a ideia do conhecimento científico, por meio da invalidação de afirmativas de pensadores anteriores, não pode ser compreendido de uma forma universal. É preciso questionar os indivíduos que utilizam destes discursos para compreender o sentido do uso realizado. Pois, a partir das viagens às diversas partes do mundo, criaram-se discursos sobre localidades que não necessariamente faziam parte daquela realidade. Eram formas que estavam ligadas ao maravilhoso, como o caso emblemático do encontro de Colombo com o Paraíso Terreno em Paria, hoje Venezuela. A experiência dos navegadores, o fato de ter atravessado o Mar Oceano e ter visto alguma região que não estava prevista no modelo cosmográfico anterior, passou a ser utilizada como argumento universal para questionar qualquer afirmação daqueles autores antigos ou contemporâneos que não passaram pela mesma experiência.

O mais interessante que essa forma mais retórica de uso da “experiência” chegava aos limites de ser usado por personagens que viajaram a locais extremamente limitados na América para reclamar um conhecimento geral do restante do Novo Mundo.¹⁴

O autor Luís Filipe Barreto, ao estudar o discurso de Gomes Eanes de Zurara nas suas quatro crônicas do século XV, aponta esta questão:

A relação HISTÓRIA-GEOGRAFIA é, também, na *Crônica*, um encontro e desencontro de Antigos-Modernos. Maioritariamente, o

continente geográfico do discurso apresenta-se como repetidor dos quadros tradicionais da Geografia Medieval, mas uma pequena ilha polêmica desestabiliza já esses padrões informativos herdados afirmando a maravilha e novidade dum visto empírico que contraria a autoridade escrita. O território geográfico vê-se, assim, atravessado pelo jogo das contraditórias constantes épocas vivendo a dialética do herdado e novo, do lisível e visível, da perspectivização da Geografia como MUNDO DA PROSA e PROSA DO MUNDO.¹⁵

Nesta passagem, o autor mencionou a continuidade do discurso medieval sobre a Geografia. Isto também estava presente em outras formas, ao longo do século XV e XVI, como nos mapas, nas estratégias discursivas, nas formas de pensar o Novo Mundo e nomeá-lo¹⁶. Ou seja, não se poderia estar inserido no novo sem as bases do antigo. A forma de pensamento medieval sobreviveu na Era Moderna, seria algo como uma longa Idade Média proposta por Jacques Le Goff.¹⁷ Na sequência, Barreto expôs os choques que a experiência nos novos espaços trouxe à ideia geográfica antiga. O que produziu uma contradição entre o herdado e o recém-observado trazendo toda uma problemática.

Este questionamento da autoridade (conhecimento teórico sem verificação) através da experiência não se restringiu a este período temporal, mas foi nele que teriam germinado as primeiras constatações aprofundadas posteriormente pelo cientificismo de caráter empirista. Portanto, o descobrimento do Novo Mundo pelos europeus e o conseqüente descrédito das antigas concepções formuladas sobre a Terra contribuíram para o pensamento moderno. Isso possibilitou uma ideia de superioridade do conhecimento dos modernos em relação aos antigos. A verdade só poderia ser dita se fosse comprovada por meio da experiência, no caso da Terra seria através das navegações marítimas. No entanto, esta nova verdade deveria de alguma forma estar inserida numa relação com a antiga tradição. Não se poderia correr o risco de comprometer pensamentos enraizados em 15 séculos, por

isso, o esforço da manutenção de elementos tradicionais.¹⁸ Nas formas planas de representação do orbe, mantêm-se o esquema do Velho Mundo, mas altera-se sua disposição geral para acoplar as novas descobertas.

OS MAPAS RENASCENTISTAS

Dentro deste contexto, os mapas renascentistas foram quase sempre estudados enquanto representantes de um curso evolutivo: de uma tradição cartográfica medieval (representada por características simbólico-esquemáticas e pelos autores clássicos da Antiguidade) a uma forma provinda das cartas portulano e da experiência náutica (informações providas de "cousa vista"). Estudar mapas significava compará-los buscando identificar nos novos exemplares os melhoramentos observados, realizava-se, assim, um positivismo cartográfico. Esta perspectiva encobria grande parte das especificidades do objeto enquanto fonte histórica de um determinado período.

Ou seja, ao se questionar um mapa, atentava-se apenas as informações geográficas presentes sem discutir a subjetividade presente: a disposição espacial, as legendas, as alegorias, a não exclusão de elementos que poderiam estar representados, as cores, os autores, suas influências, entre outros. Todo este conjunto implica em uma construção cartográfica complexa, e não uma mera exposição do geográfico conhecido. Seria uma construção cultural que não deixaria de esconder também seus objetivos políticos. Dito de outra forma, um produto cartográfico vai muito além das informações espaciais exclusivas, mas contém em si estratégias de representação de uma realidade que vão além dos contornos presentes. O mapa, dentro desta nova interpretação, está carregado de intencionalidades.

O cartógrafo tem papel importante no processo. Suas escolhas individuais estão presentes na obra. No caso dos mapas impressos, a rede de indivíduos responsáveis pelo produto final é maior. Portanto, o autor, ou conjunto de autores, impõe(m) suas escolhas em determinado exemplar. Existiam também as escolas cartográficas, centros de produção de mapas com estilo

semelhante juntamente com as exigências daqueles que financiaram a obra e os seus desejos para com ela.

Esta perspectiva de análise exposta é tributária do historiador da cartografia Brian Harley¹⁹. Segundo ele, as particularidades envolvendo autores e financiadores estão por trás do que ele chama de entrelinhas do "jogo cartográfico". Ou seja, em um produto cartográfico existe uma tentativa de estabelecer uma "verdade" sobre algo e/ou omitir dados, de acordo com os objetivos propostos, como será demonstrado nos exemplos a seguir.

Justamente para tentar compreender os efeitos das diferenças entre autores de um período próximo é que assenta a importância do entendimento das estratégias sócio-individuais na percepção e representação do espaço. Portanto, ao comparar o mapa espanhol de Juan de la Cosa (1500) e o mapa sem autoria conhecida, porém identificado como sendo de autoria portuguesa, chamado de Cantino (1502) significa resgatar os sentidos atribuídos para um local desconhecido vistos por ambas as Coroas dentro de seus propósitos diferentes. Assim, investigam-se os motivos particulares muito além da ideia de um conhecimento geográfico neutro. Pois, em ambos procurar-se-á identificar questões envolvendo a sociedade da época, o que o tornava uma resposta a uma solicitação visando à legitimação de algo.

A sobrevivência destes exemplares, e de outros mapas-múndi, se deu porque foram destinados a cumprir funções de ornamentação para príncipes ou outros indivíduos que pudessem custear tais produtos. Uma vez que a própria particularidade dos objetos demonstra isso. Eles foram confeccionados para ter uma grande durabilidade diferindo daqueles usados unicamente para fins náuticos, como as cartas portulano. Dessa forma, o cartógrafo deveria obedecer a determinadas solicitações que imprimiam a visão que o financiador gostaria na obra. No caso das fontes aqui estudadas, as Coroas ibéricas envolvidas custeavam obras que, de certa forma, expunham seus interesses e suas visões sobre o orbe.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo produzidos diferentemente das cartas de marear, com materiais que sobrevi-

vem aos séculos, ambos os exemplares só foram redescobertos no século XIX. O mapa de Juan de la Cosa foi encontrado numa loja de bricabraque em Paris, no ano de 1832. Ele foi comprado pelo Barão de Walckenaer e, quando o barão morreu, o mapa foi adquirido pelo Museu Naval de Madrid por 4.020 francos²⁰. O exemplar se encontra lá até hoje. Já o dito mapa de Cantino foi localizado por Giuseppe Boni, diretor da Biblioteca de Estense, na cidade de Módena, quando passava por uma salsicharia e o viu forrando um anteprojeto do estabelecimento. Ao perceber o valor daquele mapa, ele o adquiriu e doou à biblioteca em que trabalhava²¹. Ele permanece ainda hoje no mesmo local.

Segundo os dados de ambos os cartógrafos, no contexto de passagem do século XV ao XVI, buscou-se identificar e tentar interpretar estes mapas. Segundo Harley²², o conhecimento na aplicabilidade dos dados geográficos, longe de ser algo neutro, tornava um poder-conhecimento. Dessa maneira, o conhecimento do mundo pelos cartógrafos era apresentado em seu mapa segundo suas seleções próprias gerando um poder sobre aqueles que observariam seu mapa. Tentar-se-á verificar isso nos dois exemplares.

O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS MAPAS

Juan de la Cosa foi um navegante espanhol que acompanhou Cristóvão Colombo, a serviço dos reis católicos de Espanha. Posteriormente realizou outras viagens ao continente americano e traçou várias cartas, que estão perdidas. Seu mapa de 180x96cm foi desenhado em pergaminho e ao longo do tempo acabou sofrendo importantes danos. Os dados sobre sua produção encontram-se em uma legenda na margem oeste, ao pé do desenho de São Cristóvão: "Juan de la Cosa a fez no porto de S. Maria no ano de 1500".

Dois anos após a produção de La Cosa, surgiu o primeiro exemplar português que registrou o Novo Mundo, sendo conhecido como a Carta de Cantino. Este nome foi atribuído ao mapa devido ao feito de um indivíduo chamado Alberto Cantino, que teria furtado esse exemplar português para o Duque de Ferrara. A carta teria sido obtida

clandestinamente para satisfazer a curiosidade do duque italiano, angustiado diante da ameaça que pairava sobre a participação italiana no comércio de especiarias. A correspondência relativa ao acordo entre ambos, chegada até hoje, confirma que o duque recebeu a carta em novembro de 1502 e é um consenso entre os historiadores da cartografia que ela foi produzida por um cartógrafo português. O título ao mapa é: *Carta marina das ilhas recentemente descobertas nas partes das Índias*. Nele, as costas se apresentam com muito detalhe e existe grande quantidade de nomes desde o ocidente até o oriente abarcando desde Cuba até a costa oriental da Ásia.²³

Estas duas obras, que testemunharam o nascimento de novas terras no ocidente para a Europa, foram produzidas com um intervalo de apenas dois anos. Nelas pode-se estabelecer um paralelo pela proximidade de tempo e a representação do novo espaço. O Novo Mundo surge nos exemplares com a configuração do mundo resultante da divisão estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, no ano de 1494 e representa visões diferentes sobre aquele espaço.

O documento de partilha foi assinado na cidade de Tordesilhas, em 7 de junho de 1494, pelo Rei D. João III, de Portugal, e os Reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando. Ficou acertado que o Mar Oceano seria dividido, em duas partes iguais, a partir de uma linha divisória imaginária traçada 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde.²⁴ De acordo com o tratado: "consentirá que se faça e asyne pollo dito Mar Oceano huma Raya ou linha direta de poollo a poollo, *scilicet*, do pollo artico ao pollo antartico que he de norte a sul."²⁵ A linha iniciaria no polo norte e iria até o polo sul. O globo terrestre ficaria dividido em um hemisfério ocidental e outro oriental. Ficou estabelecido que as referências à divisão do hemisfério terrestre seriam a partir das conhecidas ilhas do arquipélago de Cabo Verde. No entanto, a referência geográfica concreta finda aí. Pois, o local exato do meridiano de Tordesilhas gerava inúmeras divergências resultados das grandes imprecisões.

De acordo com Cortesão²⁶, havia dúvida sobre qual das ilhas do arquipélago seria

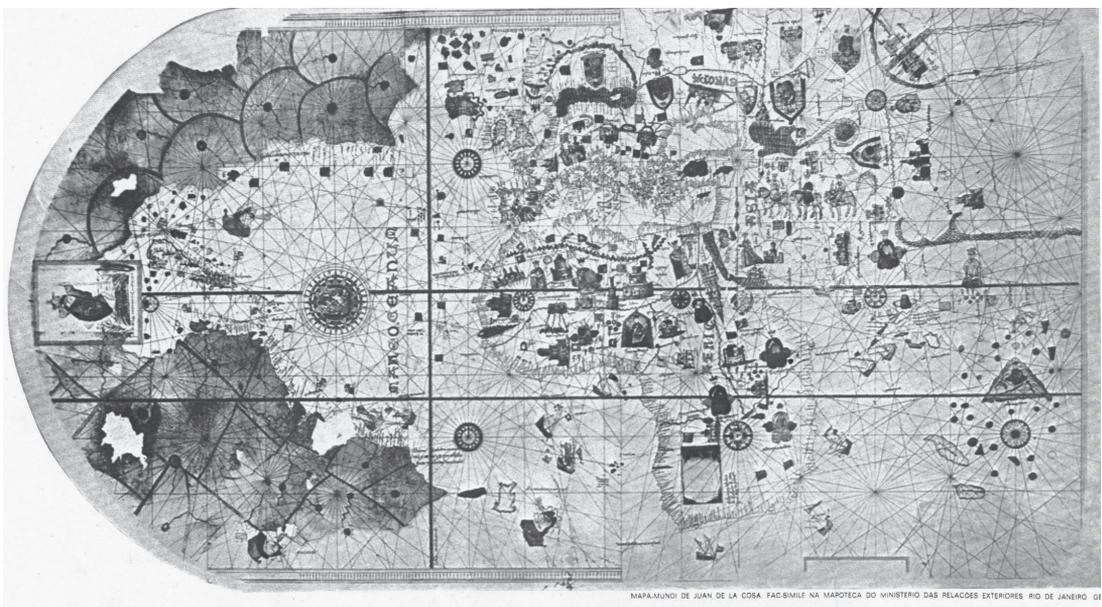
usada para traçar a linha acertada em Tordesilhas, e se a contagem desta linha seria feita sobre este paralelo ou sobre o Equador. A isso se somava o problema na determinação da longitude. Pois, os instrumentos náuticos na época não precisavam exatamente o cálculo da mesma. Somente no século XIX, com o relógio de alta precisão, o problema foi solucionado, eliminando as variações de graus que ocorriam antes. O Tratado de Tordesilhas ainda assegurava a permissão da posse de terras descobertas e a se descobrir a cada uma das duas coroas ibéricas desde que não fossem controladas por nenhum monarca cristão. Importante ressaltar que, legalmente, para os europeus, o acordo retirava dos nativos, desconhecedores da religião europeia, quaisquer pretensões de serem respeitadas suas gêrnências sobre seus territórios.

Destarte, com todos os problemas inerentes ao estabelecimento exato da linha divisória, tem-se o surgimento das representações cartográficas do Novo Mundo. Neste contexto, cada um dos autores destaca os seus interesses e de suas Coroas. Mesmo não contando com uma intenção consciente, os traços nos mapas privilegiam sua área e podem ser percebidos. Assim, a imagem criada das novas terras teriam vieses diferentes, frutos de onde estariam ligados.

JUAN DE LA COSA, O CARTÓGRAFO NAVEGADOR

No mapa-múndi produzido por Juan de la Cosa, as novas regiões aparecem influenciadas pelas suas viagens ao Novo Mundo junto a Colombo nas duas primeiras vezes, em 1492 e 1496. Com base nelas, de acordo com a autora Maria Montserrat León Guerrero: “Cosa recorrió todas las islas Antillas descubiertas entonces, y algunas de ellas, no todas (como San salvador o Watling), aparecerán representadas en célebre mapamundi.”²⁷ Tendo, portanto, influência decisiva as concepções geográficas do piloto genovês para confecção de seu mapa.

As novas terras com as Antilhas e a Terra Firme (costa da Venezuela) que estavam em direção ao oeste corresponderiam, portanto, a área de interesse dos reis espanhóis. Ela foi figurada em tons verdes e de forma enigmática. Apenas o traçado próximo à linha do Equador lembra à costa norte do nordeste brasileiro. Em direção à América do Norte, o contorno foi feito em uma continuidade, sem aparecer à especificidade referente à América Central. Devido ao traçado destas terras ser próximo ao limite extremo do pergaminho, o Novo Mundo tem sua área preenchida justamente neste limite, o que induz o observador a pensar que



ele está para além daquele conhecido, o que representaria uma grandeza destas terras.

Uma importante representação presente no centro destas terras é a figura de São Cristóvão: um mártir que teria transportado o menino Jesus sobre os ombros para atravessar um rio. Ele ocupa o meio, onde seria a meio das terras descobertas, representaria, portanto, uma estratégia cartográfica para disfarçar um conhecimento regional não aprofundado²⁸. Além deste uso, este símbolo ainda remeteria a Cristóvão Colombo, uma vez que o mesmo se considerava associado ao personagem. Tanto que, em suas viagens descobridoras, ele estava permanentemente dotado de uma missão religiosa, como confirmada pela associação feita do Rio Orinoco com a foz do rio provindo do Paraíso. O que aponta para o forte componente religioso presente no contexto.

Isso corrobora, em muito, com o próprio discurso presente nas viagens colombinas: "Sus objetivos eran encontrar las tierras descubiertas y localizarlas geográficamente a través de una plasmación cartográfica, y el evangelizador"²⁹. Juan de la Cosa expôs, em seu mapa, as ambições do projeto espanhol de evangelização destas terras. A figura de Cristo carregada por São Cristóvão se remete a Colombo/Espanha levando a verdadeira fé para aqueles que a desconheciam. Em relação a este projeto, Sergio Buarque de Holanda observa a continuidade do processo de expansão da fé católica:

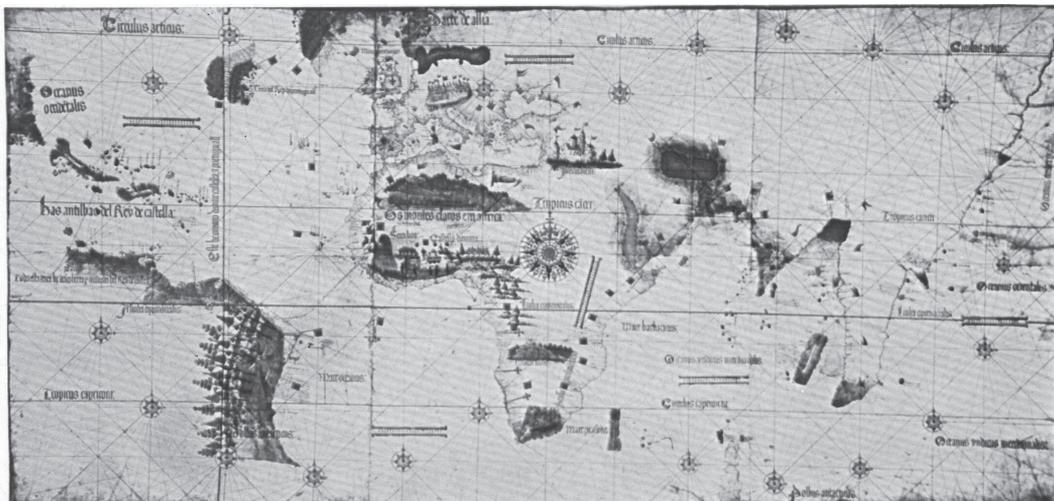
Os castelhanos (...) prosseguiram no Novo Mundo a luta secular contra os infiéis, e a coincidência

de Colombo ter chegado à América justamente no ano em que caía, na península, o último baluarte sarraceno parece providencialmente calculada para indicar que não deveria existir descontinuidade entre um esforço e outro.³⁰

Diante da distribuição das terras no mapa do viajante espanhol, observa-se um privilégio das conjecturas sobre a dimensão destas novas terras. Na carta, existe uma linha transversal que poderia ser associada à linha estabelecida em Tordesilhas, apesar de não ser confirmada pelos autores consultados. Esta hipótese surgiu devido a não existência de nenhuma outra marcação semelhante a esta na orientação na carta. Sem uso sistemático de meridianos e a existência única de uma linha norte/sul seriam indicativos da intencionalidade de mostrar o território castelhano nas novas terras. De qualquer forma, em âmbitos gerais, a carta privilegia fortemente o Novo Mundo, que chega a representar mais de 1/3 do espaço total.

O MAPA ANÔNIMO CHAMADO DE CANTINO

As obscuras formas como o mapa foi solicitado pelo mencionado Duque de Ferrara ao tal Cantino revelam o contexto das produções cartográficas portuguesas. De acordo com Jaime Cortesão, haveria neste momento uma política de sigilo estabelecida por Portugal³¹. Os mapas produzidos pelos lusitanos estavam sobre olhar direto do monarca português e não poderiam ser en-



viados ao exterior. O mapa de Cantino representaria um exemplo desta política. Pois, na negociação da venda, nunca se mencionou o responsável pela confecção de tal mapa, o que comprovaria tal tese.

No entanto, novas pesquisas da história de Portugal e das Grandes Navegações, como de Luís Filipe Thomaz, mostram que uma política de sigilo tem problemas para ser confirmada como responsável pela manutenção do sigilo. Justamente porque, em diversos momentos, os documentos portugueses foram copiados no estrangeiro. O conhecimento português do Novo Mundo surgiu em vários exemplares europeus ao longo do século XV e XVI. Mesmo no caso de uma diretriz do governo luso para restrição da circulação dos mapas e conhecimento, ela teria sido muito ineficaz.

Com relação ao estudo do mapa de Cantino, o enfoque visual dado às novas terras seria a exclusividade daquelas presentes no hemisfério português de acordo com o Tratado de Tordesilhas (1494). O Novo Mundo se resume quase que inteiramente pela parte direita à linha demarcatória, a parte lusa. O lado espanhol, que é representado enquanto terras emersas, se restringe à pequena parte “as antilhas do Rei de Castela” e em outra legenda: “Toda esta terra é descoberta por mandado do Rei de Castela”. Também existe uma pequena parte da América Central e do litoral norte da América do Sul. As duas regiões (América do Sul e Central) que representam o continente não aparecem unidas no mapa. Isso indica que o cartógrafo, ao contrário de La Cosa, não utilizou a estratégia de completar o interior dos locais desconhecidos com uma continuidade de terras que mesmo que fossem talvez presumidas, não aparecem. Estes espaços desconhecidos, ao invés de conjecturas, não foram representados.

Diferindo radicalmente do pouco cuidado com a região espanhola do Novo Mundo, a parte portuguesa foi figurada com muitos elementos obtidos com conhecimentos práticos. Todo o contorno do nordeste brasileiro aparece delimitado e lembra o que Gândavo chamaria posteriormente de “harpa”. No interior desta representação há três araras. Portanto, mesmo com elementos mais

modernos, a presença de símbolos como animais e homens no mapa-múndi ainda remetem a elementos longamente utilizados na cartografia simbólico-esquemática comum no Medievo.

Ainda na região portuguesa, foram figuradas as terras do Labrador correspondendo às descobertas nas viagens empreendidas pelos Corte Real.³² O continente africano aparece bem representado no seu contorno da costa ocidental como oriental. A carta possui muitos baluartes portugueses lembrando as principais viagens de descoberta do continente, como a de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama. O destaque encontra-se certamente, junto com as araras no Brasil, a representação da Serra Leoa e um dos grandes símbolos da expansão portuguesa, o Castelo “Da’mina”.

CONCLUSÃO

Consequentemente, a comparação entre estes dois mapas permite perceber as entrelinhas do jogo cartográfico. A partir do contexto diferente de cada autor, um a serviço de Castela e o outro de Portugal, as obras foram construídas. O realce em La Cosa dos territórios descobertos a ocidente e consequente a manutenção da representação tradicional dos contornos litorâneos do Oceano Índico remetem fortemente ao conjunto dos conhecimentos e interesses da corte espanhola no período. De forma contrária, em Cantino, as principais áreas de interesse português são desenhadas com grande destaque tanto referente à informação geográfica como referente à ornamentação. Isso mostra como o cartógrafo tinha um condicionamento referente ao local onde realizou a obra, bem como dos financiadores diretos ou indiretos.

Assim, La Cosa não representou a Ásia mais próxima ao real como seu vizinho português porque ou ele não teve um interesse para com o local ou as informações do meio em que se encontrava não o permitiram. Por outro lado, Cantino deixou partes das novas terras sem uma ligação terrestre deixando de imprimir uma suspeita recorrente de especulação continental sobre territórios desconhecidos.

As especificidades relacionadas diretamente com o contexto do autor, diferentemente do legado provindo de informações simplesmente geográficas e técnicas, influenciaram enormemente a obra final. As marcas individuais estão sempre presentes na arte de cartografar, além de serem influenciados pelos responsáveis por encomendar a obra e, portanto, com as expectativas para com o produto final, e as disponibilidades técnicas para tal produção. Como cada caso analisado acabou por demonstrar.

Observou-se ainda que os autores encontravam-se imersos dentro do confronto surgido entre a tradição medieval da cartografia terrestre e a experiência náutica de fins do período medieval mediterrâneo para as viagens oceânicas no Renascimento. O que não representava, de certa forma, um dilema, pois havia, em certo grau, uma convivência entre ambas as matrizes para representação visual. Tanto em Juan de la Cosa quanto em Cantino, a tradição ainda estava presente, mesmo contando com informações que se diziam tributárias da experiência sem que isso gerasse uma contradição para ambos. Conclui-se que os dados para a construção dos mapas-múndi eram utilizados de acordo com a finalidade específica da obra. Ou seja, o contexto do autor influiu decisivamente na composição, uma

vez selecionando, destacando, ocultando, encobrindo, recortando.

O contexto específico do autor e sua relação direta com o produto final é o que se constitui como um dos trabalhos e desafios dos historiadores da Cartografia. Os mapas históricos do Renascimento pertencem à outra temporalidade e, muitas vezes, estudiosos cometem o erro de interpretá-los como sendo pertencentes aos mesmos exemplares que temos hoje. No entanto, compreender o momento passado e a sua dinâmica própria, com seus códigos e particularidades contribui e muito para o trabalho do historiador. Olhar um mapa atual e um mapa do século XVI não é somente perceber os avanços tecnológicos, mas também as diferentes linguagens presentes em cada uma das obras.

Desta forma, compreender o entendimento de Gândavo quando ao afirmar a forma territorial do espaço luso como harpa e que ele está a 'olhar' para o reino do Congo e de Angola, além do entendimento de América e Herrera quando foca sua descrição das Índias do Meio-Dia ligada a ideia do Vice-Reinado do Peru relacionando com a maneira como a própria representação cartográfica também pode ser compreendida, naquele período, enquanto marcas visuais do próprio entendimento político-cultural dos espaços.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica: catálogo descritivo (1500-1961)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.
- ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. "Cartografia e Viagens". In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da expansão portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.
- BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.
- CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía Indiana*. Madrid: Editorial Gredos, 1992 [1964].

FIORANI, Francesca. *The Marvel of Maps: art, cartography and politics in Renaissance Italy*. Londres: Yale University Press, 2005

FONSECA, Luís Adão da. "O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16". In: *Estudos Avançados*. 6 (16), 1992.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HARLEY, J. B.; WOODWARD, D. *The history of cartography*, vols. I-IV, Chicago, The Chicago University Press, 1987; *Historia de la Cartografía*. 10 vols., Barcelona: Institut Cartogràfic de Catalunya, 1990-2000.

HARLEY, J. B. *La nueva naturaleza de los mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. 2. ed. Londrina: Eduel; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A cartografia dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: ELO;

O'GORMAN, Edmundo. *La invención de América*. México: FCE, 1977 [1958]

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Centro de Serviços Gráficos do IBGE, 1980.

OSÓRIO, João de Castro (org.). *Idearium Antologia do Pensamento Português: A Revolução da Experiência*. Lisboa: SNI, 1947.

RANGLES, W. G. L. *Da Terra plana ao globo terrestre: Uma rápida mutação epistemológica 1480-1520*. Lisboa: Gradiva, 1980.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. "O Sentido da história: tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII – XIII)". In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 14, pp.11-26.

THOMAZ, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998.

THROWER, Norman J.W. *Maps & civilization: cartography in culture and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

VALERA MARCOS, Jesús. *Juan de la Cosa: la cartografía histórica de los descubrimientos españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011.

WOODWARD, David (edit). *Art and cartography. Six historical essays*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

FONTES

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Historia da Provincia Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa: Typographia da Real Academia de Ciencias, 1858 [1576].

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A Primeira História do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 [1576].

"Mapas de Juan de la Cosa e Cantino" In: *Mapas Históricos Brasileiros (Coleção Grandes Personalidades da Nossa História)*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

HERRERA Y TORDESILHAS, Antonio de. *Historia general de los hechos de los Castellanos en las islas i tierra firme del Mar Oceano. Decada Primera*. Madrid: Imprenta Real, 1601, p. 8.



NOTAS

- ¹ "Prólogo" In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Historia da Provincia Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa: Typographia da Real Academia de Sciencias, 1858 [1576], p. V.
- ² GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A Primeira História do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 [1576], p.48 e 49.
- ³ BARBA, Francisco Esteve. *Historiografía Indiana*. Madrid: Editorial Gredos, 1992 [1964], p.128-130.
- ⁴ HERRERA Y TORDESILHAS, Antonio de. *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar Oceano. Decada Primera*. Madrid: Imprenta Real, 1601, p.8.
- ⁵ O'GORMAN, Edmundo. *La Invención de América*. México: FCE, 1977 [1958], p15-17.
- ⁶ ALEGRIA, Maria Fernanda *et alli*. "Cartografia e Viagens" In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K. (dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 31.
- ⁷ ALEGRIA, Maria Fernanda *et alli*. "Cartografia e Viagens" in: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K. (dir.). *História da Expansão Portuguesa*. vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- ⁸ RANGLES, W.G.L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*. Lisboa: Gradiva, 1990, p. 11.
- ⁹ Essa questão da povoação por humanos de outras terras, os chamados antípodas era muito complexa no período. Afirmar que existiriam esses locais seria retirar a autoridade da Igreja Cristã. Pois a palavra de Cristo teria sido pregada a toda a humanidade. Sobre essa questão ver RANGLES, W. G. L., *Op. Cit.*, p. 16-19.
- ¹⁰ RANGLES, W. G. L., *Op. Cit.*, p. 14.
- ¹¹ PORTO, Carmen. "La influencia de Ptolomeo en la cartografía de los Descubrimientos" In: MARCOS, Jesús Valera. *Juan de la Cosa: La cartografía histórica de los descubrimientos españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalusia, 2011.
- ¹² "Carta costeira, desenhada durante o período entre os séculos XIV e XVII, cujo detalhe característico é um sistema de linhas de rumos ou luxodrônicas." OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Centro de Serviços Gráficos do IBGE, 1980.
- ¹³ OSÓRIO, João de Castro (org.). *Idearium antologia do pensamento português: a revolução da experiência*. Lisboa: SNI, 1947.
- ¹⁴ Como observado com Sebastião Caboto no desenvolvimento da atual tese de doutorado.
- ¹⁵ BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p. 83.
- ¹⁶ Barreto faz toda uma discussão questionando a chamada "Revolução da Experiência". Pois, de acordo com ele, as ligações ao Medievo foram fundamentais. Não podendo ser compreendida uma mudança drástica. Conferir toda a explicação: *Op. Cit.*, p. 187-254.
- ¹⁷ LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- ¹⁸ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.194.
- ¹⁹ HARLEY, J. B. *La nueva naturaleza de los mapas*. México: Foundo de Cultura Económica, 2005.
- ²⁰ ADONIAS, Isa. *A cartografia da região amazônica: catálogo descritivo (1500-1961)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, p. 9.
- ²¹ *Idem*, p. 16.
- ²² HARLEY, *Op. Cit.*
- ²³ CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- ²⁴ *Ibid*, p. 191.
- ²⁵ "Tratado de Tordesilhas, segundo o original em português, existente no Arquivo de Índias, de Sevilha" in: CORTE-SÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 208.
- ²⁶ *Ibid*, p. 190.
- ²⁷ LEÓN GUERRERO, Maria Montserrat. "Juan de la Cosa: Piloto del Caribe. In: In: MARCOS, Jesús Valera. *Juan de la Cosa: La cartografía histórica de los descubrimientos españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalusia, 2011, p. 149.
- ²⁸ HARLEY, B., *Op. Cit.*
- ²⁹ LEÓN GUERRERO, *Op. Cit.*, p. 152.
- ³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 99.
- ³¹ CORTESÃO, *Op. Cit.*, p. 150.
- ³² ALEGRIA, M. Fernanda, *et alli*. "Cartografia e Viagens". In: Bethencourt, F. & Claudhuri, K(dir.). *História da expansão portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.